

Uma homicida chamada esperança

*Luis Eduardo Fiori **

Professor Fiori da área de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Trabalha com as línguas espanhola, inglesa e portuguesa e suas respectivas literaturas. É especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Rondônia, mestre em Teoria da Literatura pela UNESP de São José do Rio Preto e doutor em Teoria da Literatura pela UNESP de Assis, com "pasantía" na Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM, Pós-Doutor pela UFRN e escritor.

 <https://orcid.org/0009-0006-6517-8418>

*Carlos Eduardo Galvão Braga **

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1982), mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1994) e doutorado pela Universidade Paris IV - Sorbonne (2009). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Francesa, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura francesa e literatura comparada.

 <https://orcid.org/0009-0004-1639-7097>

*Marcus Fernando Fiori **

Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), pós-graduação latu sensu em Metodologia do Ensino Superior e Inovações Curriculares pela Faculdade de Ciências Exatas, Humanas e Letras de Rondônia (FARO) e é mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). É professor do Departamento de Comunicação da UNIR - Campus de Porto Velho.

 <https://orcid.org/0009-0005-0857-2243>

Recebido em 01 mai. 2025. Aprovado em: 21 out. 2025.

Como citar este ensaio:

FIORI, Luis Eduardo; BRAGA, Carlos Eduardo Galvão; FIORI, Marcus Fernando. Uma homicida chamada esperança. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 14, n. 1, e6487, dez. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.17861283

*

 fioriunir@gmail.com

*

 marcusfiori@unir.br

*

 cqbraga@yahoo.com.br

RESUMO

A monja mexicana Sor Juana Inés de la Cruz, na qualidade de poeta maior do barroco hispano-americano, figura como elemento pioneiro da emancipação não apenas feminina, mas também, de certa forma, humana, de seu período e lugar histórico. Ela brilhou em termos artísticos em uma Nova Espanha dominada por um patriarcalismo intolerante em relação a direitos das mulheres de se manifestar intelectualmente (e dos homens, também, em vários aspectos). No texto que segue, porém, vamos analisar aspectos políticos de sua produção intelectual a partir de um soneto desafiador da ordem institucional eclesiástica da época. Trata-se do Soneto 151 sobre a esperança. Era de se expectar uma abordagem pia do assunto, conveniente não só aos designios, parâmetros e ditames da ortodoxia de seu tempo, mas também, acorde com o temor que o terror com que desobediências doutrinárias eram punidas. Não obstante, ela destrói a esperança, pilar fundamental da fé cristã, sem pudores e nem temores, em ato de desafio a toda sorte de represálias, que em um futuro não muito distante lhe chegaram com a fúria própria do potentado católico instituído.

PALAVRAS-CHAVE: Esperança; Sor Juana; barroco; literatura; emancipação, catolicismo.

RESUMEN

La monja mexicana Sor Juana Inés de la Cruz, en calidad de poeta mayor del barroco hispanoamericano, figura como elemento pionero de la emancipación no solo femenina, sino, igual, de cierta manera, humana, de su periodo y lugar histórico. Ella brilló en términos artísticos en una Nova España dominada por un patriarcalismo intolerante en relación a derechos de las mujeres de manifestarse intelectualmente (y de los hombres, igual, en varios aspectos). En el texto que sigue, sin embargo, vamos a analizar aspectos políticos de su producción intelectual a partir de un soneto desafiador de la orden institucional eclesiástica de la época. Se trata del Soneto 151 sobre la esperanza. Era de esperarse un planteamiento pío del asunto, conveniente no solo a los designios, parámetros y dictámenes de la ortodoxia de su tiempo, sino, asimismo, acorde con el temor que el terror con que desobediencias doctrinarias eran punidas. No obstante, ella destruye la esperanza, pilar fundamental de la fe cristiana, sin pudores ni temores, en acto de desafío a toda suerte de represalias, que en un futuro no mucho distante le llegaron con la furia propia del potentado católico instituido.

PALABRAS CLAVE: Esperanza; Sor Juana; barroco; literatura; emancipación, catolicismo.

1 Introdução

*Aprendamos a ignorar
Juana Inés de la Cruz*

Soneto 151

*Diurna enfermedad de la Esperanza,
que así entretienes mis cansados años
y en el fiel de los bienes y los daños
tienes en equilibrio la balanza;*

*que siempre suspendida, en la tardanza
de inclinarse, no dejan tus engaños
que lleguen a excederse en los tamaños
la desesperación o la confianza:*

*¿quién te ha quitado el nombre de homicida?
Pues lo eres más severa, si se advierte
que suspendes el alma entretenida;*

*y entre la infiusta o la felice suerte,
no lo haces tú por conservar la vida
sino por dar más dilatada muerte.*

(JUANA INÉS DE LA CRUZ, 1999, p. 151)

Comecemos este texto com uma reflexão: A esperança nos faz bem ou mal? Embora a resposta “Bem” tenha sido quase automática para quase 100% das pessoas a quem fizemos essa pergunta, não foi sem um resquício de desconfiança de si mesmas que algumas responderam. E é justa a cisma porque se a palavra em questão vem do verbo “esperar”, estará denotando, para bem ou para mal, passividade e, passividade, por seu turno, denota, entre outros sentidos, inação, ou pior, indolência.

Como a esperança foi concebida então, é o assunto que vamos examinar no poema da poeta mexicana Sor Juana Inés de la Cruz, doravante denominado Soneto 151 (segundo a classificação de Méndez Plancarte, que em meados do século XX organizou os textos dispersos da monja barroca em um livro chamado *Obras Completas*, 1999).

Juana Inés, na condição de professa da Ordem de São Jerônimo, pela qual tomou votos perpétuos em 1669, estava sob juramento de obediência às normas, ditames e doutrinas do catolicismo de regra agostiniana e, portanto, não lhe cabia atacar direta ou indiretamente as bases em que estavam assentados seus postulados. Fazê-lo significava entrar em rota de colisão com os princípios da igreja no México colonial. Sor Juana só se atreveu a tanto porque soube se articular com maestria com o poder civil instituído nas figuras de sucessivos vice-reis, com suas esposas, as vice-rainhas, quem lhe garantiu proteção prolongada, mas não infinita.

2 Análise do texto

Se considerarmos a esperança como elemento basilar para se alcançar a fé, que por sua vez, está no centro de qualquer crença, o Soneto 151¹ não parece consoar com o tratamento que o

¹ A imensa maioria dos poemas barrocos, seja na Europa, seja na América, não recebia títulos

cristianismo da época (e o de agora) gostaria de ver ser dado a tal faculdade humana. Vamos por estrofes:

*Diurna enfermedad de la Esperanza,
que así entretienes mis cansados años
y en el fiel de los bienes y los daños
tienes en equilibrio la balanza;*

A poeta não faz cerimônia e já estabelece o tom da porfia logo no primeiro verso ao qualificar a esperança com o termo “doença” (enfermedad) e vai além, diz que ela atua “overnight” (diurna). O eu poético segue afirmando que sua função é a de entreter as pessoas ao longo dos anos, proporcionando-lhes uma espécie de torpor que há que ser sempre renovado, com a finalidade de melhor controlar a turba convulsiva em momentos de dificuldade social. Assim, embora seu leitor pudesse ser qualquer pessoa comum que viesse a ler o poema, ela sabia que cedo ou tarde a obra chegaria em mãos da autoridade católica de seu entorno e que sua reação seria de profunda indignação, portanto, estaria se arriscando demasiado em dar tal passo.

Interessante notar que no primeiro verso a esperança aparece em terceira pessoa verbal para, logo no segundo, aparecer em segunda, ou seja, Sor Juana começa falando da esperança e imediatamente passa a falar com a esperança. Essa súbita invasão de nível causa um efeito que embora pareça à primeira vista falho, quando julgado pelos princípios da coesão textual, no final das contas, confere ao poema um ritmo de diálogo de aspecto de admoestação e de forte crítica social bastante significativo e questões formais ficam em segundo plano.

Para o leitor moderno, fácil seria confundir no terceiro verso o substantivo “fiel” com o adjetivo “fiel”. Vejamos: Como no quarto verso aparece a palavra “balança”, deduzimos que o fiel que aparece no terceiro é “o fiel da balança”, então trata-se de um ponteiro que nas balanças antigas, indicava que as duas bandejas estavam em equilíbrio e se estivessem em desequilíbrio, qual lado estaria mais pesado: a do produto pesado ou a dos contrapesos metálicos do outro lado. Chamamos a atenção para esse detalhe para salientar que quando abordamos poemas antigos temos que nos preocupar tanto com a tradução intralingüística, como com a tradução interlingüística. E embora a tradução não seja o foco deste trabalho, preferimos aclarar de antemão o que possa vir a dificultar sua compreensão.

Logo, a metáfora que se propõe é a de que a “balança” que é a esperança cumpre a função de manter artificialmente equilibrados os “bens” e os “danos” pelos quais passamos ao longo da vida.

*que siempre suspendida, en la tardanza
de inclinarse, no dejan tus engaños
que lleguen a excederse en los tamaños
la desesperación o la confianza:*

A segunda estrofe segue reforçando os argumentos da primeira, prática recorrente em poemas barrocos. Agora a oposição que na primeira foi entre “bens” e “danos”, será entre “desespero” (desesperación) e “confiança” (confianza). A poeta nesse momento propõe que a esperança adia para um futuro que custa a chegar (ou, nunca chega) o final de sua razão de ser, i.e, a realização daquilo que se espera.

Essa estrofe apresenta uma sintaxe bem mais retorcida que a da primeira, que é bem linear. Isso se dá não apenas porque dois versos começam com o elemento subordinativo “que”, mas também porque a autora faz uso de um recurso barroco bem comum em seus poemas: o hipérbato, que consiste em subverter a ordem mais usual de elementos sintáticos da língua espanhola (e da portuguesa), ou seja, sujeito → predicado verbal → complementos. Onde há hipérbato, o leitor precisa encontrar o sujeito de cada verbo, sob pena de interpretar o poema de maneira indevida em relação ao que o autor pensou ao compô-lo.

*¿quién te ha quitado el nombre de homicida?
Pues lo eres más severa, si se advierte
que suspendes el alma entretenida;*

A terceira estrofe começa com uma apóstrofe (quem te disse que não és uma assassina?). Esse recurso literário consiste em quebrar a tranquilidade do discurso através de uma interpelação tão incisiva quanto abrupta. O efeito resultante é um alto impacto no leitor que após ver a esperança na primeira estrofe ser chamada de doença, agora a verá sendo qualificada de homicida. Para nós, latino-americanos, que temos nossas estruturas cognitivas de moralidade

predominantemente moldadas pelos ideais cristãos, as proposições da monja soarão deveras irreverentes e, para muitos, infundadas, ultrajantes ou, blasfemas.

Nessa estrofe, volta o argumento da esperança como distrator das mazelas da vida, com a finalidade de conduzir as pessoas para um conveniente estado de rebanho.

*y entre la infausta o la felice suerte,
no lo haces tú por conservar la vida
sino por dar más dilatada muerte.*

E a última estrofe reitera a anterior ao dizer que a esperança não conserva a vida, pelo contrário, estende a morte. Ela flutua entre a antítese “feliz” x “infausta”, referindo-se à sorte de quem espera, funcionando como um agente moderador que não permite que o desânimo se instale no espírito humano. E nesse aspecto, seu trabalho é grande já que, no geral, tendemos a magnificar nossas desventuras e subestimar nossas venturas.

3 A esperança para o cristianismo

Então, disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me (Mt 16, 24)

Entrando agora nos aspectos teológicos do poema, começemos com uma passagem bíblica, bem sintética de todas as dezenas de referências que o manual de conduta cristão faz sobre a esperança:

“vão passando as trevas, e já a verdadeira luz alumia” (1Jo 2, 8)²

Embora a palavra esperança não figure na frase, está claro que se trata de uma referência indireta a ela. Analisemos mais a fundo o grupo nominal “verdadeira luz”: Ora, o cristianismo não costuma hesitar em usar de determinismo para explicar os porquês de suas prescrições. A Bíblia é um livro de decretos, ao leitor está proibido duvidar, sob pena até de pena de morte, como foram

² Todas referências bíblicas terão como fonte: BÍBLIA. Português. Bíblia de Estudo Explicada. Rio de Janeiro: Ed de 1995, S. E. McNair com texto bíblico Almeida revista e corrigida, 2006

os casos de pensadores como Giordano Bruno, Amaury de Chartres, Wiliam Tyndale, entre centenas de outros, no período da Inquisição. Assim, o mundo ocidental se viu sob o jugo do imperialismo cristão por toda a Idade Média e até o Iluminismo quando começa a perder força ditatorial. Mas, mesmo dentro de seu rigor marcial, opiniões sensatas, embora entre um número esmagadoramente maior de insensatas, surgiram, como as de Santa Teresa (1515-1582) e Samuel Johnson (1709-1784):

“tenga esperanza el que haya practicado grandes virtudes”³

Santa Teresa d'Ávila, nessa subordinada adjetiva restritiva, restringe o direito de se ter esperança exclusivamente aos que cumprirem o requisito prévio de haver praticado grandes virtudes, ou seja, exige-se uma contrapartida, sendo vedada qualquer atitude passiva de mera espera pela providência divina. A esperança é concebida por ela como um pagamento, ou prêmio, que arranca o homem da passividade e o impele para uma atitude fundacional. Haverá, portanto, contradição entre a opinião de Teresa e de diversas passagens da Bíblia, por exemplo:

Então, não temais com medo deles, nem vos turbeis; antes, santificai a Cristo como Senhor, em vosso coração; e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós (1Pedro 3, 14, 15)

“E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro”. (1 Jó 3, 3)

Na primeira passagem, chama atenção os termos “mansidão” e “temor” referindo-se à maneira como devemos proceder quando nos for pedida a razão de nossa esperança, bastante conveniente para os controladores da vida social, que na época eram o governo civil e autoridade eclesiástica constituída.

Já na segunda, ao vincular esperança à pureza, a Bíblia instala no coração de seu leitor (seguidor) uma dúvida atroz: “se não tenho esperança, sou impuro? ” Parece uma maneira meio

³ <http://www.es.catholic.net/biblioteca/libro.phtml?consecutivo=394&capitulo=5638> acessado em 10/5/2023

caricatural de se analisar uma afirmação, mas temos que nos lembrar de que o Evangelho é livro prescritivo e um tanto maniqueísta em sua elaboração. Portanto, não seria descabido esperar que seus leitores mais sectários fizessem uma leitura também maniqueísta de suas prescrições, o que o levaria para a tese da impureza. Mas, isso tudo é especulativo.

*Yet it is necessary to hope, though hope should always be deluded; for hope itself is happiness, and its frustration, however, frequent, is less dreadful than its extinction.
(Expectations of pleasure frustrated, in Idler n 58, 1759)*

Entretanto, é necessário esperar, ainda que a esperança se veja sempre frustrada, pois a esperança por si própria constitui uma dádiva, e seus fracassos, por frequentes que sejam, são menos horríveis que sua extinção.

Já Samuel Johnson, que era anglicano, sugere uma abordagem imanentista da esperança. Ele propõe que, para além de se esperar com objetivos de recompensa, há que se fazê-lo porque a esperança faz bem para nossos espíritos, independentemente de que ela se cumpra ou não. Portanto, o ato de se ter esperança seria um constitutivo da manutenção de nosso equilíbrio emocional e, sua falta poderia nos levar a consequências destrutivas. Johnson é engenhoso, mas parece tentar nos conduzir para o lugar-comum da fé cega, embora com uma proposição mais elegante.

4 A esperança para a filosofia

But she has had the last and the lasting word
Electa Arenal e Amanda Powell

Voltemos então, à monja mexicana: sabe-se (PAZ, Octavio, 1999, p. 70) que Sor Juana era leitora de muitos autores indexados⁴ da época da Inquisição como Copérnico, Descartes, Erasmus, entre centenas de outros, portanto amplamente conectada com opiniões desobedientes. No poema analisado, ela destoa completamente do que os preceitos cristãos impõem como aceitável para

⁴ Autores de obras listadas no *Index Librorum Prohibitorum*, (Lista de livros proibidos), instrumento inquisitorial a serviço da censura parcial, ou total, de textos considerados heréticos, lascivos ou, anticlericais.

se abordar os pilares da fé cristã, vindo a ser uma espécie de precursora do pensamento sobre o tema pelo filósofo que viria a nascer 200 anos depois, Friedrich Nietzsche:

...Zeus quis que os homens, por mais torturados que fossem pelos outros males, não rejeitassem a vida, mas continuassem a se deixar torturar. Para isso lhes deu a esperança: ela é na verdade o pior dos males, pois prolonga o suplício dos homens. (trecho do aforismo 71 de *Humano, demasiado humano* de Friedrich Nietzsche, publicado pela primeira vez em 1878, 2005, p. 39)

O filósofo prussiano, como produto dos ventos iluministas que sopravam na Europa no séc. XIX, foi feroz demolidor da propagandística católica. Ao leremos o trecho acima e, em seguida, o Soneto 151 de Sor Juana, poderíamos sugerir que o filósofo se inspirou no poema da mexicana para escrever seu aforismo 71. Mas, tudo indica que poetas hispânicas barrocas não compuseram seu escopo de leitura, o que nos leva a sugerir que os dois, por coincidência, pensaram a mesma coisa dentro de um hiato de dois séculos, o que, por sua vez, nos dá uma dimensão de como o pensamento crítico barroco era avançado.

5 Poesia em tempos de Escolástica

A riqueza da mundividência de Sor Juana não apenas transcende as limitadas e limitantes balizas da fé cristã, mas transita com certa autonomia pelas sendas da filosofia não escolástica.

A Escolástica foi o estrato filosófico resultante da apropriação e adaptação da filosofia antiga, de matiz majoritariamente grego para atender objetivos didático-moralizantes de interesse do absolutismo católico. Tal filosofia, marcadamente enviesada, hoje só desperta curiosidade histórica, estando esvaziada de valor epistêmico. Sor Juana, espírito emancipado (na medida do possível, para a época) contou com o manto protetivo de um mecenato não tanto financeiro quanto, mais bem, de liberdade expressiva, garantido por seus padrinhos reais do palácio do governo de Nova Espanha⁵, que tinha a Cidade do México como capital, para não sucumbir à implacável fúria da inteligência católica que combatia com truculência selvagem qualquer ato que lhe soasse insubordinado. Assim, escreveu poemas profanos⁶ em que se manifestava de forma mais livre, embora sua obra religiosa fosse enorme.

⁵ Vice-reino espanhol que ia da Califórnia, nos EUA, até a Costa Rica, na América Central)

⁶ Poemas profanos são simplesmente aqueles que não são religiosos, não têm a ver com o significado da palavra nos dias de hoje, ou seja, não falam de profanação.

Essa proteção durou mais de duas décadas. Quando não lhe foi mais facultado o escudo monárquico, a igreja se vingou com toda cólera que lhe era característica na época, calando a monja pelos dois últimos anos de sua curta vida (46, ou 48 anos, dependendo de que autor se siga), mutilando seu poder criativo.

Em suas obras profanas, Juana Inés dialogou com o que havia de mais avançado no campo filosófico na época, seja em Europa, seja em parte do mundo árabe. Ela é considerada por Dorothy Schons: *The first feminist in the New World*⁷ (1926, p. 302), o que apenas parcialmente é pertinente, já que na época da monja nem o termo “feminista” e nem seu conceito existiam. Portanto, pensamos ser preferível considerá-la a primeira voz feminista da América, ou uma protofeminista. Seja como for, seu grau de emancipação política e seu antipatriarcalismo deixam claro seu aprofundamento no conhecimento filosófico secular de seu tempo.

A projeção de Sor Juana para os tempos presentes fascina qualquer estudioso de sua obra ou biografia. É surpreendente como suas reivindicações de um tempo que remonta mais de 300 anos atrás seguem vigentes e atuais. Sua modernidade atravessa os séculos e não é exagerado dizer que sua emancipação é maior que a da maior parte das pessoas (homens e mulheres) de hoje em nossa América Latina. O poema da esperança é uma prova por escrito disso. Outro poema em que ela surpreende leitores modernos é o Soneto 149 (SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ, 1999, p. 136) que começa com o verso “*Si los riesgos del mar considerara*”, em que nos leva a reconsiderar nosso entendimento de prudência.⁸

A esperança segue em nosso imaginário como algo bom, e de fato o é, porém, não nos pode ser empurrada às cegas, como algo inquestionável. Poucas pessoas conseguem vê-la como uma prisão que se erige em volta de nossas ilusões, não apenas engessando nossa capacidade de nos indignarmos e nos revoltarmos, como também, a de reagir. A monja foi visionária, deu-se conta de que, como disse Washington Irving

*Villainy wears many masks, none so dangerous as the mask of virtue*⁹

⁷ A primeira feminista no Novo Mundo

⁸ (cf. tese de doutorado de Luis Eduardo Fiori, p. 106 em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103644>

⁹ (A vilania usa muitas máscaras, a mais perigosa delas é a da virtude) Do conto *The legend of sleepy hollow* do livro *The sketch book of Geoffrey Crayon, Gent*, 1820.

ou seja, a esperança está sempre revestida de bem-aventurança, mas muitas vezes esconde por baixo de sua roupagem reluzente, a perversidade de se esperar inutilmente. O difícil para nós é reconhecer até que ponto ela pode ser mantida e quando passa a ser tóxica. Sor Juana foi categórica em seu razoamento: é um torpor que, a título de nos prover consolo, nos aprisiona em seu labirinto de ilusões e engenhos psicológicos. Ela desafiou os guardiões da palavra, atropelou a censura e fez escutar sua voz rebelde por terras americanas e espanholas em pleno reinado despótico da Inquisição. Ela temeu o terrível tribunal, mas soube jogar com as circunstâncias e negociar com a monarquia novo-hispana que, às vezes, priorizava a arte em detrimento do fanatismo católico, para sua felicidade. Ao longo dos 26 anos sob a proteção monárquica, interpolou momentos de ousadia com outros de devoção (falsa ou sincera, pouco importa) para negociar com a autoridade eclesiástica o direito de desobedecê-la, porém, sem nunca a escarnecer, ou tripudiar de sua impotência em pôr-lhe freio (em Sor Juana).

Foi mestre da pragmática política mesmo vivendo encerrada mais da metade da vida em um convento, podendo muito raramente transpor seus muros. E aí reside sua maior vitória: conquistou um espaço de manifestação intelectual feminina dentro de um universo machista, refratário ao que não chancelasse os e se curvasse aos seus desígnios. Não esperou, fez. E por isso, foi destruída pela ignorância de um cristianismo ainda primitivo que resolia suas contendas com proibições arbitrárias, tortura, força ou fogueira.

Considerações finais

Resgatando finalmente a pergunta inicial: “a esperança nos faz bem ou, mal?”, concluímos que sim, devemos tê-la, porém, não como uma muleta e sim como um motivador para sempre seguirmos buscando novas conquistas e não novas dádivas. Sor Juana, sob influência talvez de Erasmo, ou de Espinosa, entre outros, não hesitou em se expressar com toda liberdade de que as mulheres de seu tempo não desfrutavam, aproveitando sua proteção especial oriunda da coroa real de Nova Espanha. Ela não se deteve perante o terror com que a igreja a qual devia devoção, açoitava os atrevimentos desavisados ou voluntários de cidadãos comuns na época. Isso tudo se deu porque ela soube negociar com maestria com suas circunstâncias para lançar bases fundamentais do pensamento emancipado no século XVII.

Referências

JUANA INÉS DE LA CRUZ, Sor. *Obras Completas*, ed., pról. Francisco Monterde. México: Editorial Porrúa, 1999.

NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano* (Tradução, notas e posfácio: Paulo /César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, e-book, 2005.

PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

SCHONS, Dorothy *Some obscure points in the life of Sor Juana Inés de la Cruz*, *Modern Philology*, vol. 24, New York: Oxford Press, 1926.